

## Leitura fruição: partilhando escolhas

**Fabiana Bigaton Tonin**

IFSP/câmpus Capivari

fabigaton@gmail.com

### Resumo

Nesse trabalho, serão apresentados alguns dados preliminares e reflexões a partir da prática de leitura fruição, estratégia exercitada de modo sistemático em minhas aulas do Ensino Médio no IFSP/câmpus Capivari. Essa prática pedagógica, “pilar” de minhas aulas, também conhecida como leitura deleite, propõe ler pelo prazer de ler, sem a obrigação de haver discussões, debates, tampouco imposição de cobranças, como fichamentos ou provas de verificação. Pretende-se, assim, aproximar os jovens da leitura, estimulando a partilha do texto e a gratuidade na relação entre leitura e escola. O objetivo é estreitar laços entre os alunos da literatura, despertar e reforçar o hábito de leitura; fazer do ambiente escolar um cenário para manifestar escolhas, gostos e para dialogar sobre leituras (canônicas e não canônicas); de modo a se estimular a autonomia.

**Palavras chave:** leitura; leitura fruição; autonomia.

## **Caracterização do Projeto “Leituras do prazer”**

O conceito de leitura fruição é ainda disperso e trabalhado de modo bastante flexível e irregular – ou até, em alguns casos, pouco valorizado e legitimado. Chamada também de leitura deleite, essa prática, para muitos, traduz-se nas “rodas de leitura”; para outros, seria a leitura de histórias, feita em momentos vários, sem necessária sistematização. Incentivada por programas governamentais como o Pacto pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), essa prática de leitura propõe-se a revitalizar conhecidos procedimentos escolares e enfrentar alguns desafios bastante conhecidos: a formação efetiva e substancial dos leitores no ambiente escolar e a aproximação entre o jovem leitor e a literatura. Vista como instituição que é referência para o desenvolvimento da leitura, a escola, por vezes, está longe de alcançar de modo minimamente bem-sucedido seu intento. Por vezes, tal insucesso está ligado às práticas de avaliação, marcadas por relações de cobrança, imposição e até coerção.

Considerando esse contexto, há alguns anos como professora de Língua Portuguesa e Literatura (Ensino Fundamental II e Médio), estabeleci a leitura fruição como prática pedagógica fundamental em minhas aulas. Num primeiro momento, trata-se de sempre começar as aulas do dia com uma leitura por mim escolhida e que será compartilhada com a sala (oralizada, em papel ou até em apresentações de *powerpoint*). Além desse momento de encontro e partilha diário, também tenho trabalhado a prática da leitura do prazer em uma outra modalidade: projetos de leitura em que os alunos são convidados a escolher o que ler, compartilhando com a turma suas leituras. Desse modo, tão logo ingressei como professora do Ensino Médio Integrado, na Turma B de Química, no 1º semestre de 2015, coloquei em prática tal intento. Os alunos foram incentivados a escolher um livro, de qualquer gênero (inclusive não literário, caso quisessem) e, em momentos previamente determinados, foram convidados a comentar suas escolhas e sua apreciação - o que ocorreu na forma de duas rodas de conversa. Ao final, os alunos produziram produtos diversos – desenhos, móveis, maquetes, colagens - , que foram expostos na biblioteca do câmpus, como modo de partilhar também com a comunidade as leituras e percepções consolidados ao longo do projeto.

Assim, o objetivo era o de partilhar escolhas e dialogar sobre elas no ambiente escolar, privilegiando os modos nem sempre “ortodoxos” de seleção, bem como se buscando valorizar as apreciações feitas, de modo a valorizar a diversidade e permitir a expressão. Outrossim, pretendeu-se despir um pouco a escola de suas roupagens de cobrança, abrindo-se espaço para a liberdade de escolhas e leituras, além (ou até apesar) dos cânones tradicionais, defendidos e, por vezes, legitimados nesse espaço institucional.

### **Pressupostos teóricos para se pensar a leitura fruição**

A escola é, indubitavelmente, o lugar do dever, das atividades de leitura dirigidas – e tal papel deve ser enfatizado e defendido. No entanto, pode ser também o lugar do prazer – e essa abertura é decisiva para que ocorra uma experiência de fato marcante e significativa para alunos e professores. Bellenger (1979) e Pennac (1993) resumem, com pertinência, um pouco de nosso percurso tradicional enquanto leitores: passamos daqueles que amam àqueles que odeiam a leitura, posto que esta deixa de ser sedução e diversão e se torna odiosa obrigação, dever sem finalidade, sem razão aparente em nossa vida.

Por mais incrível e desesperador que pareça, é isso que ocorre: desaparece em nós o gosto pela leitura – obviamente, pela leitura imposta pela escola – pois outras leituras “rebeldes” continuarão acontecendo... E, assim, buscamos fora dos muros escolares, longe de provas e fichas, o prazer, o encantamento primeiro que já sentíamos um dia.

Logo, embora seja citado como um dos objetivos a se atingir, sabemos que a leitura como apreciação e como atitude “gratuita” está longe de ser fato palpável e frequente na escola. Ao conhecermos os leitores mais apaixonados, veremos que são eles os mais interessantes e muitos devem à escola boa parte de sua competência leitora, mas há quem se proclame leitor, apesar da escola. Maria Helena Martins, por exemplo, aponta:

Os estudos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores que, para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação, mas uma vez propostas instruções uniformizadas, elas não raro causam mais confusão do que auxiliam. (1994: 12)

Ou seja, muitos aprendem a ler e a gostar de ler apesar dos professores e das demandas escolares – não são raros os testemunhos de escritores sobre essa matéria que deixou de ser curiosa e se tornou um terrível “clichê” de comportamento de leitor. Portanto, faz-se premente a reflexão: ler por dever e ler por prazer seriam possibilidades inconciliáveis, rumos paradoxais?

Acredito que não. É possível, sim, que a escola mantenha seu dever, sua orientação, mas se abra à leitura fruição e compartilhe com o leitor suas felicidades fortuitas, seus desejos e mostre-se mais democrática, deixando o aluno, leitor, exercitar sua vontade, de modo a respeitar e também aprender com suas escolhas.

Ora, a escola pode permitir esse encontro e reencontrar-se com esse desejo; as escolhas dos alunos e tudo que isso significa podem contribuir para o desenvolvimento de seu potencial de leitor e para enriquecimento de práticas pedagógicas. Podemos, dessa forma, buscar redescobrir o encantamento que, quando crianças, tínhamos com a leitura e a escrita – como nos diz Pennac, resgatar a descoberta que fora como a da “pedra filosofal”, metamorfose indelével, da qual “ninguém se recupera”, viagem da qual “não se retorna ileso.” (1993: 43)

Aliás, esse autor, ao abrir essa deliciosa obra – o livro *Como um romance* –, nos provoca com uma máxima inquietante, a qual sustenta toda sua argumentação: “O verbo ler não suporta o imperativo.” Em seu texto provocador, Pennac nos lembra do quanto era prazeroso ler quando éramos crianças: a leitura era preciosa porque era gratuita, sem obrigações e imposições; era um convite ao prazer, ao encontro do outro, das aventuras: “A gratuidade, que é a única moeda da arte.” (1993: 34) – a liberdade alimenta, pois, o gosto.

Ao descrever o abismo que se instaura entre “dois lugares” que são a “infância” e a vida escolar do dever, da leitura como obrigação, Pennac reflete: “Lá como cá, a vida se manifesta pela erosão de nosso prazer.” (1993:37). O “lá”, a infância feliz, de leituras que eram presentes e faziam não querer dormir; o “cá”, o tempo improvável em que ler se tornou obrigação da escola/autoridade, tarefa que dá sono (e antes o impedia, tamanha a ansiedade e desejo pela história e sua continuidade, qual fôssemos vítimas de Sherazade), leituras que não são do prazer,

do dormir embalados pelas aventuras que flutuam nas ondas da voz do pai, seguindo a princesa ou cavalgando com o príncipe. À medida que crescemos e fichas de leitura e relatórios nos são impostas, diz o autor, vamos esquecendo o que é ler por prazer, para degustar outros mundos. Veio a escola e nos atrapalhou, depois de haver acendido em nós o desejo pelos livros, pelas histórias, pelas linhas mágicas. A mesma instituição que instiga, agora, controla e silencia: “A escola não pode ser uma escola do prazer, o qual pressupõe uma boa dose de gratuidade.” (1993: 78)

Inquietante a perplexidade de Pennac e que também nos provoca uma certa melancolia e um certo idealismo. Não será possível que, apesar dos percalços, além e somado ao dever, o percurso do desejo e do prazer da leitura seja retomado, que haja um espaço para certa gratuidade? Será que a escola não pode tentar ensinar também o gosto, permitindo a autonomia, o compartilhamento de apreciações, dando aos alunos voz e espaço para que tragam as suas leituras? Certamente, isso também pede, da parte do professor, desprendimento e tolerância, como Barthes nos ensina: “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau.” (2002: 19).

Desse modo, propõe-se o espaço escolar como cenário de partilha, de gratuidade, de tolerância e de diálogo, sobretudo – as escolhas do outro dialogam com as minhas, a palavra do outro “provoca” e está, em gérmen, na minha, numa relação dialógica (Bakhtin, 2003) que, a meu ver, deve ser mais valorizada e incentivada por nós, professores.

### **Concretizando o projeto – algumas considerações preliminares**

Primordialmente, os dados e testemunhos colhidos apontam para aceitação e também para certo estranhamento dos alunos para com o projeto. Ao mesmo tempo em que oportunizar a escolha por qualquer livro configura-se convite para o olhar mais “democrático” e a tão reclamada, por vezes, participação mais subjetiva no espaço escolar, tal abertura também “assusta”: qualquer obra, qualquer autor? Como aceitar que o não canônico, a “literatura de entretenimento” (os *best-sellers*, por exemplo) possam dividir espaço com obras legitimadas e “sacralizadas”? Tais questionamentos não são, por vezes, do professor, mas mostram-se preocupações dos próprios alunos, acostumados a conceber a escola como espaço de “boas leituras”.

Assim, também é objetivo desse projeto polemizar o conceito de literatura, bem como refletir sobre os gestos de leitura e os modos de ler (Chartier, 1999 e 2009) e como diferentes suportes, diferentes maneiras de se ler e de se dialogar sobre a leitura vão compondo estratégias de aproximação e de formação do leitor, em especial, no espaço da escola.

### **Agradecimentos e apoios**

A execução desse projeto deve muito, sobretudo, aos meus alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado/Química, do IFSP/câmpus Capivari. A aceitação, a cumplicidade e o diálogo entre nós tornou possível a concretização dessa partilha.

Também agradeço ao diretor Waldo Luís de Lucca e à coordenadora da Área Básica, profa. Ana Karina Cancian, por todo apoio e toda confiança demonstrados desde o início, o que muito me

incentivou a implementar essa prática no câmpus. Assim, tem sido cada vez mais possível fazer da escola espaço de conversa, gratuidade e crescimento acadêmico e pessoal.

## Referências

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.
- ABREU, Márcia & LEVIN, Orna M. **Leitura, literatura e ensino**. Campinas: Cefiel/IEL/ UNICAMP, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- CAMPOS, Maria Inês B. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- CARDOSO, Beatriz & TEBEROSKY, Ana (org.) **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas;Petrópolis: Vozes, 1993.
- CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita**. Belo Horizonte: Ceale/Autência, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. (org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo; Contexto, 2009.
- FAGUET, Émile. **A arte de ler**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.
- FISCHER, Steven R. **História da leitura**. São Paulo; Editora UNESP, 2006.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem e ensino; exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.
- JUSTA, Ezpeleta & ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2005.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Campinas:Cefiel/IEL/ UNICAMP, 2005.
- MANGUEL, Alberto. **Os livros e os dias: um ano de leituras prazerosas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

- 
- \_\_\_\_\_. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** São Paulo: Editora 34, 2008.
- ROJO, Roxane H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. & RÖSING, Tania M. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. & SILVA, Ezequiel T. **Literatura e Pedagogia: ponto e contraponto.** São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2008.
- BRASIL MEC/SEB. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEB, 1998.
- PORTUGAL/LISBOA Fundação Calouste Gulberkian. **Formar Leitores para Ler o Mundo.** Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian/Casa da Leitura Gulberkian, 2009.